



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Jardins Terapêuticos: Humanização de espaços livres em áreas hospitalares

Therapeutic gardens: Humanization of open spaces in hospital areas

Jardines Terapéuticos: La humanización de los espacios libres en áreas hospitalarias

MATTOS, Karina Andrade

Mestranda, Universidade Estadual Paulista, karina_amattos@hotmail.com

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel

Doutora, Universidade Estadual Paulista, nconst@faac.unesp.br

RESUMO

O trabalho de assistência médico-hospitalar tem passado por profundas transformações desde o final do século XX. A crescente incorporação de novas tecnologias, além de proporcionar o desenvolvimento do conhecimento médico, criou um setor de atendimento embasado nos conceitos da humanização e com foco nos usuários. Com espaços mais confortáveis e acolhedores, os estabelecimentos de saúde passaram a valorizar mais suas áreas livres e jardins. Os chamados "jardins terapêuticos" não só proporcionam vistas restauradoras e agradáveis da natureza, como auxiliam na redução do estresse, benefícios fundamentais para o bem-estar e a qualidade de vida tanto de pacientes quanto de familiares e funcionários. Atividades física e psíquica, do passivo para o ativo, como descanso, caminhada e interação social podem ser articuladas a estes ambientes. Apesar dos inúmeros benefícios e das crescentes pesquisas relacionadas ao potencial desses jardins, tais espaços ainda colocam pressões econômicas sobre os hospitais e seus administradores em função de seus custos. Dessa forma, encontrar um equilíbrio entre a arquitetura, em suas diversas legislações, e as práticas médicas torna-se um grande desafio para o planejamento e o desenvolvimento dos novos ambientes de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: jardins terapêuticos, áreas livres hospitalares, humanização, bem-estar.

ABSTRACT

The medical assistance work has undergone into profound changes since the end of the twentieth century. The increasing incorporation of new technologies, in addition to the development of medical knowledge, created a service sector grounded in the concepts of humanization and focusing on users. With more comfortable and welcoming spaces, the health establishments began to value their open spaces and gardens. The so-called "therapeutic gardens" not only provided restorative and pleasant views of nature, as aid in the reducing of stress, a fundamental benefit for the well-being and the quality of life of patients, family members and employees. Physical and mental activities, from passive to active, such as rest, walking and social interaction can be linked to these environments. Despite the numerous benefits and increasing research related to the potential of these gardens, such spaces still put economic pressure on hospitals and their general managers in terms of their costs. Therefore, finding a balance between architecture according to the roles and medical practice, becomes a major challenge for the planning and development of new health environments.

KEY-WORDS: therapeutic gardens, hospital open spaces, humanization, well-being.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

RESUMEN

El trabajo de asistencia médico-hospitalaria ha pasado por profundas transformaciones desde finales del siglo XX. La creciente incorporación de nuevas tecnologías, además de proporcionar el desarrollo del conocimiento médico, crea un sector de tratamiento con la base en los conceptos de humanización y con foco en los usuarios. Con espacios más confortables y acogedores, los establecimientos de salud empezaron a valorar más sus áreas libres y sus jardines. Los llamados "jardines terapéuticos" no sólo proporcionan vistas restauradoras y agradables de la naturaleza, como auxilian en la reducción del estrés, beneficios fundamentales para el bienestar y la calidad de vida de los pacientes, los miembros de la familia y funcionarios. Las actividades físicas y psíquicas, de la pasiva para la activa, como el descanso, el caminar y la interacción social pueden ser articuladas a estos ambientes. A pesar de los numerosos beneficios y de las crecientes investigaciones relacionadas con el potencial de estos jardines, estos espacios aún ejercen presiones económicas sobre los hospitales y sus administradores en función de sus costos. Por lo tanto, la búsqueda de un equilibrio entre la arquitectura, en sus diversas leyes y las prácticas médicas se convierte en un gran desafío para el planeamiento y el desarrollo de los nuevos ambientes de salud.

PALABRAS-CLAVE: *jardines terapéuticos, áreas libres hospitalarias, humanización, bienestar.*

1 INTRODUÇÃO

Com as constantes transformações do modelo de atendimento médico, por diferentes razões a arquitetura vem diversificando seu foco projetual. Durante o século XX, o desenvolvimento tecnológico revolucionou a medicina, e fez dos hospitais o local fundamental para abrigar de forma apropriada os inúmeros equipamentos de diagnóstico e tratamento. Na contraposição dos conceitos do sistema vigente, durante a virada do século XXI surgem ideais embasados na humanização do espaço hospitalar e com foco no usuário.

Estudos têm associado os efeitos do ambiente à frequência e seriedade da doença, bem como na recuperação dos pacientes. Os chamados "Jardins Terapêuticos", áreas livres planejadas, não são capazes de curar as enfermidades, mas interferem diretamente na recuperação, estimulando os pacientes durante as atividades terapêuticas.

Embora haja uma crescente atenção às áreas livres hospitalares, ainda faltam conhecimento e valorização desse trabalho pelos profissionais das áreas médica e arquitetônica. Do ponto de vista da arquitetura, os ambientes devem referenciar-se na individualidade, aconchego e liberdade de movimentação de forma a valorizar as áreas de convívio e socialização. A privacidade e dignidade dos usuários, assim como ações e valores do cotidiano devem ser inseridos no espaço ocupado.

Neste contexto, esta pesquisa tem como objetivo mostrar de forma prática os caminhos para a humanização e inovação dos espaços externos hospitalares por meio de aspectos funcionais e normativos. As diretrizes teóricas apresentadas no artigo foram aplicadas no desenvolvimento do

projeto paisagístico para as áreas livres do Hospital-Dia e Serviço de Ambulatórios Especializados “Domingos Alves Meira”, na cidade de Botucatu (SP).

2 A INSTITUIÇÃO HOSPITALAR E SUA HISTÓRIA

Durante a Idade Média as abadias localizadas nas trilhas das cruzadas tinham como finalidade primordial oferecer abrigo e hospedagem aos peregrinos, estando eles sadios ou não, assistindo-os material e espiritualmente. Marcada por construções rústicas, pesadas e sombrias, as áreas urbanas desse período se caracterizavam pela escassez de espaços verdes. A preocupação com aspectos de salubridade e saneamento manifestaram-se durante o Renascimento. Elemento organizador do espaço, o claustro possibilitava iluminação e ventilação à maioria dos setores, apresentando aos observadores uma visão ordenada e selecionada da natureza (MIQUELIN, 1992; ZEQUIM, 2008), com plantas da estação e locais para sentar e caminhar (WHITEHOUSE et al., 2001).

Durante a era industrial uma nova configuração de edifício hospitalar surgiu, a pavilhonar. A presença de pavilhões interligados por galerias cobertas responsáveis pela delimitação de pátios internos possibilitava iluminação e ventilação a ambos os lados da edificação (MIQUELIN, 1992). Além das funções terapêuticas, os pátios eram responsáveis pela qualidade estrutural e funcional de conforto e assepsia. A valorização da ventilação e iluminação natural dominou o planejamento dos edifícios hospitalares praticamente durante todo o século XIX, contudo, na virada do século iniciaram-se novas transformações, principalmente em função das inovações tecnológicas, como a necessidade de circulação do ar. Na medida em que o hospital subdividiu-se em especialidades, com agrupamentos departamentais, cada um com necessidades de planejamento específico, tornou-se necessário seu crescimento tanto em tamanho quanto em complexidade espacial.

Nos mega-hospitais, expressão da arquitetura durante a era da medicina high-tech, substituíram as enfermarias pavilhonares e com isso, eliminaram-se as poucas áreas livres restantes nas tipologias hospitalares, fundamentais para o bem-estar de usuários e corpo clínico. O novo modelo dividia-se basicamente em grandes dimensões sustentadas por uma circulação vertical. O crescente custo da tecnologia médica juntamente com a mudança de perfil demográfico/epidemiológico fez com que ainda na segunda metade do século XX esse modelo de atenção médica desse os primeiros sinais de crise. Assiste-se durante a virada do século XXI à emergência de uma nova proposta de promoção à saúde, embasada na humanização do atendimento e com foco no usuário (SANTOS e BURSZTYN, 2004).

Os avanços tecnológicos, principalmente nas áreas de prevenção e diagnóstico, criam condições para que parte dos cuidados relacionados à saúde possa ser realizada de forma descentralizada e próxima aos usuários, em espaços mais eficazes de tratamento. Os jardins tornam-se agentes terapêuticos.

3 JARDINS TERAPÊUTICOS

Bem-estar pela natureza

O contato com o ambiente externo é fundamental para a espécie humana. O delicado balanço entre os processos humanos, o ambiente, e os diferentes valores estéticos presentes em um projeto paisagístico, proporcionam aos usuários do espaço livre bem-estar e ferramentas antiestresse necessárias ao corpo e a mente (CARMAN, 2005; DOBBERT, 2010; MOORE e COSCO, 2005).

O acesso imediato à natureza, no início da vida pelas crianças, pode estabelecer um sentido de interconectividade com o mundo ao redor. Brincadeiras individuais ou em grupo, exercícios e atividades relacionadas ao ambiente externo dão a elas um sentido de controle e afinidade com o espaço. Para os adultos, o contato com a natureza pode ser um benefício adicional à saúde, melhorando o bem-estar físico, mental e emocional.

Entre as ações praticadas ao ar livre que proporcionam uma sensação geral de restauração, alívio do estresse e da tensão das rotinas diárias destaca-se a participação em atividades de lazer, a permanência em locais para relaxar, a contemplação da paisagem, o caminhar, a busca pela solidão em locais particulares, bem como a união com outras pessoas (DINES et al., 2006; KAPLAN, 1995; KAPLAN, 2001; SHAFTOE, 2008). “O corpo humano é um ajustamento próprio que aprende através de experiências. Jardins projetados para o bem-estar ajudam os usuários a desenvolverem um corpo fisiologicamente e psicologicamente saudável.” (MOORE e COSCO, 2005, p. 35).

Segundo Stephen Kaplan (1995), os ambientes naturais apresentam características particularmente ricas para as experiências de restauração, como por exemplo, a capacidade de reflexão que o fascínio de ambientes naturais proporciona a seus usuários, a oportunidade de liberdade de alguma atividade mental e a sensação de compatibilidade entre os cenários naturais e as inclinações humanas. A presença de elementos naturais na vista das janelas de edifícios residenciais também contribui, segundo Rachel Kaplan (2001), com experiências “micro-restauradoras”, melhorando a qualidade do bem-estar e aumentando a satisfação dos ocupantes com o seu bairro, quando comparado com vistas de elementos construídos.

Para Moore e Cosco (2005, p. 35) “um jardim é um lugar de valor terapêutico, onde o contato direto com a natureza realça não somente o funcionamento da atenção, mas também o sentimento de estarmos vivos e em harmonia com o mundo.”. Todos os seres humanos apresentam uma necessidade especial de contato diário com a natureza, mesmo que em seu próprio tempo e espaço.

Áreas livres hospitalares

Passar muitas horas em um hospital pode ser uma experiência bastante estressante para pacientes, visitantes e membros da equipe. Acessos próximos à paisagem natural ou jardins podem realçar a habilidade das pessoas em lidar com o estresse dessa rotina e assim, potencialmente melhorar os resultados de saúde (MARCUS, 2007). No início dos anos de 1990 um movimento intitulado Centro de Cuidados de Pacientes, nos Estados Unidos, fez com que os administradores hospitalares tornassem-se cientes dos efeitos negativos dos ambientes institucionais. Embasados nos conceitos de humanização do atendimento, os pacientes passaram a ser atendidos de forma holística, “como parte de um contexto, e não mais como um conjunto de sintomas e patologias a serem estudadas pelas especialidades médicas (...)” (FONTES, 2004, p.59). De acordo com o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar,

Humanizar é resgatar a importância dos aspectos emocionais, indissociáveis dos aspectos físicos na intervenção da saúde. Humanizar é aceitar essa necessidade de resgate e articulação dos aspectos subjetivos, indissociáveis dos aspectos físicos e biológicos. Mais do que isso, humanizar é adotar uma prática em que profissionais e usuários consideram o conjunto dos aspectos físicos, subjetivos e sociais que compõem o atendimento à saúde. Humanizar refere-se, portanto, à possibilidade de assumir uma postura ética de respeito ao outro, de acolhimento do desconhecido e de reconhecimento dos limites. (BRASIL, 2001, p. 52)

Estudos comprovam a preferência dos usuários por ambientais com acesso a natureza, bem como suas influências. Em 1994 quatro jardins na Área da Baía de São Francisco, EUA, foram estudados por meio de análise visual, mapeamento comportamental e entrevistas. Segundo os estudos, 90% dos usuários sentiram uma mudança positiva de humor por conta do contato com elementos naturais (MARCUS e BARNES, 1995 apud MARCUS, 2007). Pesquisas realizadas por Ulrich (1984) mostraram que pacientes operados da vesícula biliar se recuperaram mais rápido e com menor dose de fortes medicamentos quando as janelas dos quartos se voltavam para uma vista natural ao invés de uma construção (SHERMAN et al., 2005).

Um jardim não é capaz de curar uma doença, mas dentre outros benefícios, facilita a redução do estresse tanto de pacientes quanto de funcionários; ajuda o paciente a concentrar forças para sua recuperação; alivia os sintomas, melhorando a sensação de bem-estar e fornece um local para a



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

prática de atividades passivas e ativas, como a visualização de jardins através da janela; o sentar do lado de fora; a soneca e a meditação; exercícios de reabilitação suave; caminhadas e jardinagem.

As áreas livres representam um contraste em relação ao ambiente médico – escala doméstica versus institucional; natural versus artificial; lugar para estar sozinho versus falta de privacidade (MARCUS, 2007). Do ponto de vista da arquitetura, esses contrastes tendem a evidenciar a busca pela individualidade e aconchego; liberdade de movimento por meio de espaços de convivência e acolhimento e o respeito à dignidade que os jardins buscam proporcionar a seus usuários, de forma que os mesmos possam reconhecer os valores presentes no seu cotidiano no espaço de saúde (SANTOS e BURSZTYN, 2004).

Ligado às premissas que definem qualidade de vida, nos dias de hoje, o termo saúde tem um significado muito mais abrangente. A capacidade do ser humano de usufruir de educação, cultura, trabalho, bem-estar e de uma vida produtiva e com qualidade são alguns dos parâmetros dessa nova ótica (COSTEIRA, 2004).

Os resultados positivos obtidos com o uso dos jardins só faz aumentar a utilização destes espaços como suporte para a melhora de pacientes, principalmente de pessoas com necessidades de reabilitação física, com transtornos psicológicos e pós-operatórios. Atuando no tratamento de indivíduos portadores de alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psicomotoras, a terapia ocupacional busca aprimorar as capacidades psico-ocupacionais, os estados psicológico, social e de lazer de seus pacientes com o auxílio de ambientes externos e contato com a natureza. A fisioterapia, visando prevenir, minimizar e tratar lesões e disfunções do sistema físico se utiliza do ambiente externo como ferramenta para reintegrar o paciente socialmente e psicologicamente, reforçando sua autoestima e sua autonomia. Muito utilizada por psicólogos, psiquiatras e terapeutas, a jardinagem é uma das atividades que mais se utilizam do ambiente externo, principalmente para a recuperação de pacientes com distúrbios mentais. Na horticultura os pacientes tornam-se ativos nas atividades de cuidado com as plantas, interagindo mais intensamente com o ambiente e com os outros pacientes.

“O jardim terapêutico é ao mesmo tempo um processo e um lugar. É um conceito para o ponto de encontro da medicina e do design.” (MARCUS, 2007). Enquanto os médicos pensam em termos de processo interno de cura, os projetistas focam na manipulação dos elementos do local de forma a interferir no comportamento dos usuários. Para um desenvolvimento inovador e satisfatório é necessário um diálogo contrário e uma pesquisa comum entre os profissionais das duas áreas. A construção de estabelecimentos de saúde é um processo complexo que exige do projeto



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

arquitetônico uma diversidade de critérios técnicos e de compatibilidades físico-funcionais. Além de atender as demandas da tecnologia médica, as características climáticas e a flexibilidade dos espaços determinadas pelas variáveis epidemiológicas, a concepção projetual deve-se embasar, com fundamental relevância, no bem-estar do usuário, por meio, principalmente, do conforto ambiental (BITENCOURT, 2004).

Diretrizes de projeto para jardins terapêuticos

Um número crescente de pesquisas tem se apoiado no potencial dos jardins terapêuticos em áreas hospitalares, contudo, de acordo com Whitehouse et al. (2001), tais jardins ainda colocam pressões econômicas sobre os hospitais, e muitas vezes são criticados por aqueles que acreditam que os recursos financeiros poderiam ser melhor investidos na assistência direta aos pacientes. Avaliar as contribuições que os jardins podem proporcionar aos ambientes hospitalares por meio de suas diretrizes projetuais, torna-se fundamental para o seu desenvolvimento.

A “Theory of Supportive Garden Design”, de Roger Ulrich, tornou-se base fundamental para os profissionais que desejam desenvolver diretrizes de projeto para espaços externos hospitalares. A organização de conceitos é baseada na premissa de que os jardins auxiliam na atenuação do estresse já que criam oportunidades para movimentos físicos e exercícios; oportunidades de escolha, privacidade e senso de controle; locais para reunião e troca de experiências sociais, acesso à natureza e distrações positivas. Em adicional, o especialista sugere diretrizes de visibilidade; acessibilidade; familiaridade; quietude; conforto e arte (ULRICH, 1999 apud MARCUS, 2007).

Um sistema de caminhos com opções de rotas mais curtas e mais longas que permitem terapia física externa, rotas de caminhada contemplativa e corredores com vista para a natureza são algumas das implicações para o projeto de um jardim com base na prática de movimentos e exercícios físicos. A perda de controle dos pacientes hospitalizados é um dos principais responsáveis pelo estresse, causador de inúmeros efeitos negativos sobre o sistema imune. Readquirir o controle e assim diminuir o estresse pode ser uma das maiores motivações para se usar o espaço externo. A oportunidade de escolha presente em um jardim bem projetado, como locais para ficar sozinho ou acompanhado e opções para sentar, cria nos usuários um senso maior de autonomia.

A integração social também é um dos responsáveis pela melhora nos índices de recuperação de pacientes. A criação de subespaços que permitem privacidade a pequenos grupos, a presença de mobília móvel, que permite um arranjo flexível, além da presença de áreas convidativas a uma

agradável refeição podem ser algumas das ferramentas motivadoras a interação dos usuários. Além disso, para fornecer o máximo de benefícios terapêuticos e para que os usuários experimentem diretamente a riqueza sensorial do espaço, é fundamental que o jardim tenha uma enorme variedade de materiais vegetais com diferentes cores, texturas, formas, fragrâncias, movimentos e períodos. A conexão com a natureza em um jardim nada mais é do que um processo cognitivo.

A visibilidade para um jardim é muito importante em um ambiente hospitalar. Arquitetos e paisagistas devem trabalhar juntos a fim de garantir vistas para os jardins e espaços naturais dos ambientes internos. Os espaços devem ser universalmente projetados para estimular experiências, independente das habilidades e desabilidades de seus usuários. Os caminhos devem ser acessíveis e largos o suficiente para atender pacientes em cadeira de rodas ou com bengala e andador. Além disso, pistas acústicas, táteis e fragrâncias para deficientes visuais e pistas visuais para deficientes auditivos devem ser lembradas.

Os usuários dos espaços livres hospitalares devem sentir calma, familiaridade, conforto e segurança nos ambientes de saúde. Para se ouvir os sons da natureza é fundamental que o espaço seja implantado longe de tráfego e áreas de estacionamento. Espaços com uma extensão doméstica, com plantas e mobiliários familiares que remetem ao lar, são fundamentais. Além disso, um conforto fisiológico com escolhas de locais para sentar no sol ou na sombra e até mesmo para se proteger da chuva é imprescindível. Os jardins terapêuticos também proporcionam inúmeras oportunidades de integração com as artes. Locais multiusos para atividades práticas podem contribuir com o desenvolvimento artístico dos pacientes, adicionando riqueza e significados simbólicos.

Os espaços verdes em áreas hospitalares têm sido cada vez mais valorizados, estudados e incorporados aos ambientes projetados, contudo para obter melhores resultados, pesquisas e “exemplos da valorização da paisagem como instrumento de auxílio à recuperação de pacientes” (DOBBERT, 2010) devem ser disseminados no intuito de encorajar tanto as instituições e seus planejadores, administradores e arquitetos, quanto pacientes, familiares e funcionários.

4 O PROJETO PAISAGÍSTICO

Hospital-Dia e Serviço de Ambulatórios Especializados “Domingos Alves Meira”

Com aproximadamente 1.047,58m², o edifício do Hospital-Dia e Serviço de Ambulatórios Especializados “Domingos Alves Meira”, localizado na cidade de Botucatu – SP destaca-se pela

independência das áreas sociais e médicas e a privacidade que a disposição física dos ambientes proporciona a pacientes, médicos e funcionários (Figura 1). Com formato em “U”, na parte central da construção encontram-se as salas de espera; os sanitários públicos; a farmácia; a recepção e o auditório. Nas duas partes laterais do edifício localizam-se as salas de procedimento; consultórios; copa e sanitários para funcionários; quartos para internação-dia; salas de lavagem e desinfecção de materiais; salas de fisioterapia; terapia ocupacional; ultrassom; consultório odontológico; administração; sala da enfermagem; da assistência social e da psicóloga.

Figura 1: Planta setorizada do hospital-dia “Domingos Alves Meira”



Fonte: Karina A. Mattos, 2012.

Composta por uma equipe multidisciplinar, o hospital-dia atende pacientes com HIV/AIDS, hepatites crônicas virais, infecções pelos vírus HTLV-I/II e aqueles expostos a riscos de infecção. Com 34 funcionários, o hospital conta com treze ambulatórios, sendo doze semanais e um mensal.

Com aproximadamente 4.282,42m², as áreas livres (Figura 2) ao redor da edificação dividem-se em duas partes, a asfaltada, onde se localizam a entrada e o estacionamento, e a gramada, com vegetação esparsa e sem uso destinado.

Figura 2: Parte da área livre do hospital



Fonte: Karina A. Mattos, 2012.

Para a análise técnico-construtiva e funcional foram realizadas entrevistas e questionários a fim de se conhecer preliminarmente os pontos positivos e negativos do espaço hospitalar e as percepções e expectativas dos usuários. No total foram 28 questionários aplicados, com a participação de 21 pacientes e 7 funcionários.

Entre os pacientes entrevistados, 52% eram homens e 48% mulheres, com idades entre 23 e 57 anos. A maioria frequentava o local semanalmente para tomar os medicamentos, passando de 3 a 4 horas no local. Em relação aos espaços, a maioria dos pacientes sentiam-se mais confortáveis na parte interna da edificação, elegendo a sala de espera o melhor lugar. Apenas 10% dos usuários entrevistados não se sentiam bem no local. Quando perguntados sobre o que não gostavam no hospital-dia, a maioria não hesitou em dizer que “não tinham nada do que reclamar”. Embora se sentissem mais agradáveis na parte interna do centro médico, 61% dos pacientes costumavam utilizar o espaço externo. A área livre mais frequentada era o jardim da entrada principal do edifício. As plantas, o verde, a tranquilidade e a segurança que os jardins proporcionavam foram os pontos mais citados pelos usuários quando perguntados a respeito de seus elementos e suas sensações. A maioria via a natureza como principal fornecedora de paz e bem-estar. As áreas internas proporcionavam uma vista agradável para o exterior, segundo os entrevistados. As respostas citavam que as vistas “acalmam e tranquilizam”, “trazem paz” e tornam o ambiente mais “agradável”, permitindo mais confiança em relação às “chances de cura”. Dos pacientes que acreditavam não existir uma vista agradável das janelas, 23% apreciariam ter uma nova visão, acreditando que “um lugar para fixar o olhar para tirar a tensão e a ansiedade descontrairia a mente, tornando o tratamento mais suave”, conforme o depoimento de uma das pacientes. Quanto à acessibilidade, 100% dos pacientes entrevistados afirmaram não ter problemas de locomoção dentro do edifício. Quando perguntados

sobre o que gostariam de ver presente no local, 85% afirmaram não querer mais nada. Para os outros 15%, o local poderia ter “um espaço para conversa entre os pacientes para troca de experiências. Um local externo, sem os médicos e psicólogos.” e “mais quadros, objetos, arte e flores, pois um ambiente alegre gera mente alegre”.

Entre os funcionários entrevistados, 71% eram mulheres e 29% homens, com faixa etária entre 26 e 58 anos. Os funcionários também se sentiam mais confortáveis na parte interna da edificação, elegendo seu local de trabalho como o espaço mais agradável. A satisfação dos usuários em relação à estrutura física do local pode ser observada em 71% dos entrevistados. Cerca de 85% dos funcionários costumavam utilizar o espaço externo. Os locais mais frequentados eram o jardim da entrada principal e a lateral próxima ao estacionamento. Durante o horário de almoço, costumavam caminhar nas áreas livres ou relaxar no quarto de descanso. Em dias de chuva o uso das áreas livres tornava-se inviável. As plantas, a tranquilidade, o contato com a natureza, a paz e a calma que os jardins possibilitam, são os elementos e as sensações que os funcionários elegeram como positivos. Cerca de 42% dos funcionários afirmaram ter uma vista agradável de suas janelas e dentre aqueles que não possuíam, alguns apreciariam tê-la, pela calma e redução de estresse que a mesma transmitiria. Quanto à acessibilidade, 100% dos funcionários entrevistados também afirmaram não ter problemas de locomoção dentro do edifício. Dos 7 funcionários entrevistados, 6 afirmaram não precisar de mais nada além do que já está disponível, resultados que demonstraram a aprovação do local de trabalho.

A satisfação de pacientes e funcionários com o ambiente hospitalar ficou evidente ao longo da pesquisa, refletindo o trabalho de humanização do espaço interno realizado pelos administradores. O planejamento, a qualidade, o conforto e o foco no usuário são fatores que juntos resultaram no bem-estar, na qualidade de vida e no resgate da dignidade dos mesmos.

Análise dos Espaços Livres

Referência pela qualidade no atendimento e pelos ambientes internos acolhedores e confortáveis, o Hospital-Dia e Serviço de Ambulatórios Especializados “Domingos Alves Meira” carece de planejamento paisagístico. O desenvolvimento de um espaço externo acolhedor que proporcione aos pacientes e funcionários contato com a natureza é fundamental para a melhora de seu bem-estar. Áreas de contemplação ou espaços ativos são alguns dos usos que poderiam ser destinados aos espaços ao redor da edificação.

Adequar as espécies vegetais ao local é essencial. Apesar do pouco fluxo próximo à cerca, observou-se a presença de espécies com espinhos e galhos pontiagudos, que deveriam ser evitadas.

Além do contato direto com a natureza, a visualização do exterior durante os procedimentos médicos transmite segurança aos pacientes. De acordo com a pesquisa, muitos usuários apreciariam ter uma vista agradável que trouxesse calma durante as atividades. A maioria das janelas do local restringe sua visão a elementos de pouca riqueza sensorial. Em muitos casos as vistas tornam-se invasivas aos pacientes, como se pode observar na sala de fisioterapia, com aberturas para o estacionamento.

Ao analisar os espaços livres foi detectada uma sobreposição de fluxos no único acesso existente. Apesar dos baixos fluxos, ocorre um nó na entrada principal do estacionamento. A separação de veículos e pedestres tornou-se fundamental para o projeto.

O Projeto Paisagístico

O projeto paisagístico desenvolvido para as áreas externas do Hospital-Dia e Serviço de Ambulatórios Especializados “Domingos Alves Meira” teve como objetivo mostrar por meio do desenvolvimento de um projeto a importância e o valor dos espaços livres no tratamento e no bem-estar de pacientes e funcionários de locais da saúde. Embasado nas limitações expostas pelos seus usuários, projetou-se espaços que possibilitassem a integração de acordo com as atividades praticadas.

A atividade projetual iniciou com a separação dos acessos de entrada. Foram criadas entradas distintas para veículos e pedestres (Figura 3). Além disso, as entradas de pacientes e funcionários foram separadas, proporcionando maior liberdade e privacidade a ambos os grupos.

Figura 3: Vista geral do projeto com duas entradas distintas



Fonte: Karina A. Mattos, 2012.

Local de passagem e permanência dos pacientes, a praça localizada a frente da entrada principal do edifício tornou-se uma verdadeira sala de espera ao ar livre (Figura 4). Subespaços foram planejados

em outro local do terreno para permitir a integração social e a prática de atividades, como fisioterapia, terapia ocupacional e horticultura (Figura 5).

Figura 4: Entrada principal do edifício



Fonte: Karina A. Mattos, 2012.

Figura 5: Subespaços destinados a diferentes atividades



Fonte: Karina A. Mattos, 2012.

Foram propostos ambientes com grandes aberturas com vista para os espaços livres e opções de rotas mais curtas e mais longas, possibilitando caminhadas contemplativas (Figura 6).

Figura 6: Caminho externo com vista contemplativa



Fonte: Karina A. Mattos, 2012.

Na tentativa de despertar os sentidos utilizou-se uma variedade de espécies vegetais com diferentes cores, formas e texturas (Figura 7). O descobrir da vegetação a cada passo pode estimular os usuários durante as atividades. Dessa forma, a conexão de pacientes e funcionários com a natureza foi

valorizada por meio da visibilidade de tais materiais. Pequenas janelas transformaram-se em um grande painel aberto para a paisagem.

Figura 7: Projeto paisagístico com diferentes materiais vegetais



Fonte: Karina A. Mattos, 2012.

A criação das áreas livres de convívio e atividades apresentadas é apenas um exemplo do que se pode desenvolver nos espaços externos hospitalares. Encontrar um equilíbrio entre a arquitetura e a medicina ainda é um desafio que precisa e merece ser vencido em prol de pacientes e funcionários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços verdes em áreas hospitalares têm sido cada vez mais estudados e incorporados aos ambientes projetados, contudo, ainda há muita carência de pesquisa nacional em relação ao tema. Pesquisas e práticas devem ser disseminadas no intuito de encorajar as instituições e seus planejadores para o bem estar dos pacientes, familiares e funcionários. “Os jardins não são propostos como um modelo alternativo de terapia – eles não curam. Mas os jardins de hospitais são essenciais para contribuir com o bem-estar dos pacientes, auxiliando a medicina terapêutica” (CONSTANTINO, 2010, p.07). O grande desafio para os profissionais envolvidos no planejamento de tais espaços está na capacidade de encontrar um equilíbrio entre as duas áreas. Ponto de encontro entre as regras arquitetônicas e as práticas médicas, os jardins devem ser planejados por meio de análises distintas e objetivos comuns, pois só assim será possível desenvolver um espaço inovador e de qualidade, com foco em seus usuários.

6 REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Fábio. A arquitetura do ambiente de nascer. In: Santos, Mauro; Bursztyn, Ivani (org.). *Saúde e Arquitetura: Caminhos para a humanização dos ambientes hospitalares*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004. Capítulo 2, p. 28-41.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. *Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar*. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>>. Acesso em 16 de maio de 2015.

CARMAN, Nancy. Introduction to the LATIS Forum on Therapeutic Gardens. In. LATIS FORUM ON THERAPEUTIC GARDENS, 2005, Washington. *Landscape architecture technical information series*. Washington: American Society of Landscape Architects, 2005.

CONSTANTINO, NORMA R.T. Jardins educativos e terapêuticos como fatores de qualidade de vida urbana. In: *IV PLURIS*, 2010, Faro-Portugal. Actas Pluris 2010. Faro: Univ. Algarve, 2010. p.1-12.

COSTEIRA, Elza Maria Alves. O hospital do futuro. In: Santos, Mauro; Bursztyn, Ivani (org.). *Saúde e Arquitetura: Caminhos para a humanização dos ambientes hospitalares*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004. Capítulo 5, p. 76-91.

DINES, N. et al. *Public Spaces, social relations and well-being in East London*. The Policy Press, Great Britain. 2006.

DOBBERT, Léa Yamaguchi. *Áreas Verdes Hospitalares*. 2010. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2010.

FONTES, Maria Paula Zambrano. Imagens da arquitetura da saúde mental. In: Santos, Mauro; Bursztyn, Ivani (org.). *Saúde e Arquitetura: Caminhos para a humanização dos ambientes hospitalares*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004. Capítulo 4, p. 58-75.

KAPLAN, S. The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. *Journal of Environmental Psychology*, 1995, v. 15, n. 3, p. 169-182.

KAPLAN, R. The nature of the view from home: Psychological Benefits. *Environment and behavior*, Julho de 2001, v. 33, n. 4, p. 507-542.

MARCUS, Clare Cooper. Healing Gardens in Hospitals. *Interdisciplinary Design and Research e- Journal*. Jan, 2007. Volume I, Issue I: Design and Health, p. 1-27.

MIQUELIN, Lauro Carlos. *Anatomia dos edifícios hospitalares*. 2. ed. São Paulo: CEDAS, 1992.

MOORE, Robin; COSCO, Nilda G. Well-being by Nature: Therapeutic Gardens for Children. In. LATIS FORUM ON THERAPEUTIC GARDENS, 2005, Washington. *Landscape architecture technical information series*. Washington: American Society of Landscape Architects, 2005, p. 35-50.

SANTOS, Mauro; BURSZTYN, Ivani (org.). *Saúde e Arquitetura: Caminhos para a humanização dos ambientes hospitalares*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

SHAFTOE, H. *Convivial UrbanSpaces: creating effective public places*. Earthscan, 2008.

SHERMAN, S. A. et al. Post-occupancy evaluation of healing gardens in a pediatric cancer center. *Landscape and Urban Planning*, 2005, v. 73, p. 167-183. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0169204604001720>>. Acesso em 16 de maio de 2015.

WHITEHOUSE, S. et al. Evaluating a children's hospital garden environment: utilization and consumer satisfaction. *Journal of Environmental Psychology*, 2001, v. 21, p. 301-314. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494401902245#>>. Acesso em 16 de maio de 2015.

ZEQUIM, Carolina. *Estudos, análises e projeto de áreas livres em hospitais*. 2008. 91f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.